

Comuna Vírus!

André Kaysel

Caia a tarde, o sol poente avermelhava a fachada branca do grande Hospital situado a duas quadras da grande avenida, quase sempre tão movimentada, mas que naqueles dias de quarentena andava em assustadora calma. Lá dentro, no corredor central do hospital, iluminado por lâmpadas foscas, uma fileira de macas se estendia de ponta a ponta. Nelas adultos de todas as idades, homens e mulheres de peitos chiantes lutavam desesperadamente por reter algum sopro de ar enquanto esperavam uma vaga na UTI. Há dias era assim, a morte nos hospitais parecia ter chegado para ficar. As poucas vagas que sobravam na UTI eram abertas por aqueles que ela levava, dali para as gavetas frigoríficas. Eram tempos de pandemia e pandemônio.

Naquela tarde Maria Aparecida atravessava aquele corredor a passos largos, mais um chamado para ajudar o médico a entubar um paciente. Seus olhos avermelhados denunciavam a falta de sono, por detrás da máscara a respiração difícil acusava não a mortal virose mas sim a fadiga. Quando terminou o serviço o Dr Rubens, o responsável pela UTI, lhe indagou: terminou seu turno, não? Ao que ela respondeu sim doutor, vou dar baixa e chamar a próxima enfermeira, ao que ele respondeu, obrigado, vai descansar um pouco pois todos estamos precisando.

Cruzando o corredor no sentido contrário, a passos mais lentos, dirigiu-se ao vestuário despindo-se lentamente. Passou depois pela enfermagem, assinou os papéis, despediu-se da enfermeira chefe e seguiu dali para a copa, atrás de um café preto que lhe devolvesse os ânimos. Há dias dormia no próprio hospital, longe da mãe e irmã, com as quais vivia, em uma tranquila rua de bairro de casas baixas e poucos prédios. Foi escolha sua: melhor assim, se alguém tiver que pegar essa desgraça, que seja eu, pensava em voz alta.

Chegando à copa encontrou outro funcionário em troca de turno, o Vladimir, um jovem técnico de enfermagem que sorvia um gole de café enquanto olhava para uma pequena televisão de cara amarrada. Quando a viu entrar, apontou para a tela e disse sem mais, viu isso daí?... Nós aqui no meio dessa doideira e essa cambada de filhos da puta lá fora fazendo bagunça! Falta do que fazer, respondeu ela, enquanto abria uma garrafa térmica a procura de um resto de café. Pois é, e tudo isso com apoio daquele lá!, que devia cuidar das pessoas ao invés de ficar atijando baderna contra nosso trabalho, se pudesse voltar atrás não tinha votado nele não, dizia Vladimir. Fez-se então um silêncio cortado bruscamente por um ruído agudo que parecia vir do lado de fora, eram buzinas de automóveis que se sucediam em uma cacofonia que agora parecia não ter fim. Que merda é essa, disse ela?! Deve ser a turma do Bolsonaro descendo a rua, replicou Vladimir.

Fora DORIA! Globo LIXO! Fora China! Vírus COMUNISTA, Governador COMUNISTA, MITO, MITO, MITO! Queremos TRABALHAR!, assim se sucediam os gritos da multidão por entre os ruídos das buzinas de seus carros. Maria Aparecida olhava incrédula aquela pequena malta motorizada de verde-amarelo que rasgava a paz de um sábado à tarde rumo a grande avenida, seu rosto se fechou enquanto ela murmurava, algazarra na frente de um hospital. Os minutos passavam e os gritos e buzinas não paravam, a certa altura os carros se detiveram na frente do hospital no sinal vermelho e o coro dos automóveis soltou uma nota estridente que parecia se prolongar no ar quase em uníssono. O rosto da enfermeira se crispou enquanto ela exclamava: Agora chega, já deu. Começou a gritar da janela: Ei vocês aí mais respeito isso aqui é um hospital, vão para casa, porra!. Lá de baixo a resposta veio de um carrão de cuja janela uma senhora de cabelos loiros e óculos de sol berrou: Vai pra Cuba sua petralha, filha da puta! Mais respeito perua, respondeu Maria Aparecida indignada. Então um senhor de cabelo grisalho pos a cara para fora do carro e gritou: Volta pra cozinha sua preta vagabunda! Ao que a senhora loira assentiu, é isso aí!. Nesse momento aparecida sentiu um nó apertando-lhe a garganta. Engoliu com a saliva um soluço de raiva e recuou um passos da janela. Vladimir, que ouvia tudo, lhe dizia: Oh Aparecida deixa essa gente besta pra lá, não vai esquentar a cabeça não, ao que ela

respondeu não vou esquentar a cabeça uma ova, enquanto se abaixava para agarrar um balde debaixo da pia, enchia de água e completava com desinfetante. O colega que olhava a cena arregalou os olhos e como que adivinhando a intenção por detrás do gesto perguntou: Que que você vai fazer com isso? Sem responder nada ela se encaminhou para a janela e no gesto rápido verteu todo conteúdo para baixo. A água estalou sobre os capôs dos carros, a loira com os cabelos agora empapados e as faces avermelhadas de ódio berrava: Sua PUTA, VAGABUNDA! Comunista de MERDA! Já o senhor grisalho igualmente ruborizado gotejando de suor e água sanitária, secundava: VAGABUNDAAAAAAA! Vou chamar a Políciaaaaaa! A eles se somavam as vozes de outros motoristas, ligeiramente respingados que atiravam outros impropérios ao ar enquanto pisavam nos aceleradores.

Lá dentro sem conseguir conter uma risada nervosa, Vladimir dava uma bronca na colega: Cê é doida mulher! enquanto ela esfregava as mãos, apertava um sorriso e dizia baixinho, bem feito, bem feito! Minutos depois a chefe da enfermagem irrompeu intempestivamente na copa, e perguntou rispidamente: Alguém aqui jogou um balde de água lá embaixo? Os dois se entre olharam e fingindo surpresa perguntaram: Que houve? O chefe da segurança veio me dizer que um policial lá embaixo se queixou de que alguém aqui de cima jogou água suja nos

manifestantes. Fez-se um breve silêncio constrangido, quebrado de repente por Aparecida: com todo respeito, mas a senhora tem de convir que esses policiais são uns abusados! Quando fazemos manifestação em época de greve, baixam o pau na gente. Agora, quando esses engomadinhos ficam buzinando

na frente de um hospital por que não querem ficar em casa, desrespeitando as pessoas doentes, tirando uma com a nossa cara, fazem escolta pra eles?!

A chefe da enfermagem olhou-a nos olhos com ar severo, pensou por um momento e retrucou: olha, Maria, eu gosto do seu trabalho. Você é uma enfermeira antiga e dedicada. Por isso, não vou falar nada a ninguém, mas que isso não se repita, entendido?!

Sim senhora... assentiu Aparecida com ar enfadado. Dando-se por satisfeita, a chefe deixou a sala sem dizer mais nada, afinal, não lhe faltavam problemas naqueles dias e podia muito bem dar aquele pormenor desagradável por encerrado. Então, Vladimir olhou bem para sua colega e, rindo, lhe censurou: viu sua louca, tomou carão e quase se meteu em encrenca! Ela, por sua vez, deu de ombros, despediu-se do auxiliar e deixou a copa para descansar.

Passaram-se os dias: macas e mais macas, doentes e mais doentes, mortos e mais mortos... Eis que, em uma manhã

nublada e fria, Maria é chamada à emergência: vem aí mais um... resmungou. Chegando ao amplo corredor, avistou no fim da fila das macas, uma senhora arfando compulsivamente, lutando contra seus próprios fluidos pulmonares por um resto de ar.

Aproximou-se, e viu o rosto, pálido e lívido, de uma senhora de cabelos loiros: É ela! Pensou em voz baixa, assustada. A doente, em agonia, a olhou fundo nos olhos, parecendo reconhecê-la de algum lugar. Esforçou-se por dizer algo, mas a voz simplesmente não lhe saía...

A enfermeira, atônita, virou o rosto para o chefe da UTI e indagou: Dr. Rubens, como está a ocupação? O médico devolveu-lhe um olhar resignado, deu de ombros e balançou a cabeça negativamente: nada feito!... Só espero que aguente enquanto sai mais um, respondeu baixinho.

Entre perplexa e resignada, Aparecida baixou o olhar à paciente, comunicando-lhe em silêncio a má notícia. Por sua face, caía uma lágrima solitária. A senhora, entre os chiados do peito exausto, com as faces contorcidas de dor e raiva, só pôde fixar um olhar esbugalhado naquele rosto que lhe parecia tão incomodamente familiar.

André Kaysel Velasco e Cruz

É bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) (2008), mestre (2010) e doutor (2014) em Ciência Política pela mesma instituição. Lecionou no curso de Ciência Política e Sociologia da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) (2013-2017). atualmente é professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e coordenador do Laboratório de Pensamento Político (PEPOL), vinculado ao Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), do qual também é diretor.